

**REPENSAR A MISSA,
NA FIDELIDADE AO EVANGELHO E AO HOJE**
08 julho 2023 in REVISTA IHU

O trecho dos discípulos de **Emaús** (Lc 24,13-35) – gostamos de pensar em **Cléopas** com sua esposa, **Maria**, segundo o que lemos em Jo 19,25 – poderia ser um ícone para repensar e renovar a “ceia do Senhor” de uma forma mais fiel ao Evangelho.

O ícone de Emaús

Ao longo do caminho, no momento de desânimo e decepção enquanto se caminha na direção errada, chega inesperadamente a Palavra, que se faz próxima. As ações de **Jesus** nessa narrativa são o primeiro passo da Liturgia da Palavra. [...] **Liturgia da Palavra** e homilia para aquecer o coração, fazer mudar de direção, realizar a metanoia. Palavra e homilia para a vida como “lâmpadas para os nossos passos”.

Depois, parar na hospedaria, lugar do cotidiano, da alegria da mesa. Fazer um banquete juntos para reconhecer a presença amorosa de **Jesus** ao partir o pão da vida a ser compartilhado com todas e todos. A alegria do vinho como em **Caná**, para dar esperança.

O coração que arde envia-nos em missão, por outro caminho (como os **Magos**), para anunciar a bela notícia do Evangelho a todas e todos.

“Fazei isto em memória de mim” significa a celebração da vida partida e doada às outras, aos outros. Celebrar em casa significa que cada uma e cada um traz um pedaço de sua vida, que se torna pão partido, partilhado. A partir daí recomeça-se para reconhecer, como sinal dos tempos, que aquelas pessoas que não “vão à missa”, mas vivem com paixão a sua existência doada, celebram mesmo assim, de modo autêntico, a **eucaristia dominical** e são discípulas e discípulos do Mestre.

Daí, recomeça-se com algumas propostas para uma **celebração eucarística** mais participativa e renovada, na linguagem e nos gestos. São propostas que brotam da nossa consciência e responsabilidade de ser povo de Deus.

Uma riqueza a não se perder

A diversidade de terminologias constitui uma riqueza de significados que não valeria a pena perder simplesmente insistindo num deles.

Fração do pão – Entre os cinco pães e os dois peixes para os cinco mil que estavam às margens do lago de Tiberíades, a última ceia em Jerusalém e a ceia de Emaús, há uma continuidade marcada pelo gesto da fração do pão. Um gesto capaz de expressar a paixão de uma vida inteira, uma vida justamente partida para a partilha de todas e todos. Um gesto que passou a identificar a própria pessoa do Senhor.

Ceia do Senhor – É Paulo quem recomenda à Igreja de Corinto que salvasse a dignidade da *Ceia do Senhor*. Trata-se de uma verdadeira celebração litúrgica da comunidade de Corinto, e por isso é importante constatar que, na Igreja apostólica, já existia aquela celebração, chamada por Paulo precisamente de *Ceia do Senhor*, que, ao contrário da *Ceia pascal* judaica, era celebrada não apenas *uma vez por ano*, mas todos os domingos, e que a tradição não tardaria em identificar na eucaristia.

Eucaristia – Já na *Didaquê* a celebração em que se parte o pão aparece com o nome de *Eucaristia*, que logo se tornou a denominação mais comum e mais caracterizadora da celebração, e que expressa a sua origem judaico-cristã. De facto, Eucaristia é a transposição grega do termo hebraico *berakah* e é usada para nomear todo o rito a partir do elemento mais decisivo e específico dele, *a oração de ação de graças*, e o conecta ao conteúdo original da oração de Jesus.

Missas – A palavra latina “missa” é o resultado de uma evolução complexa que se concluiu no início do século VI, quando a última palavra que encerrava a ação litúrgica deu nome a toda a celebração. Segundo uma tradução, “*Itē, missa est*” significaria: “Vão, é a despedida”; outra interpretação possível entende que “(a eucaristia) foi enviada”, com uma referência, portanto, ao horizonte missionário aberto por toda celebração eucarística.

Repensar a presidência

A contínua desafeição com a participação dominical tem muitos motivos bem conhecidos de todas e todos. Queremos evidenciar o quase total estatismo e imobilidade do povo de Deus, reduzido a mero espectador de um rito gerido e regido pelo padre.

Realizamos na Igreja uma espécie de ressacralização do sacerdócio, dessacralizado precisamente pelo anúncio profético de Jesus de Nazaré, único sacerdote, obrigando, assim, a participação do povo de Deus em âmbitos muito restritos.

Creemos que é necessário reiterar a dignidade do povo das batizadas e dos batizados como sujeitos de pleno direito da memória do Senhor que se celebra na Páscoa semanal. O sujeito celebrante é a assembleia como comunidade sacerdotal (cf. 1Pd 2,9).

Também acreditamos que é necessário repensar o papel e o serviço do presbítero: a presidência é erroneamente vista como um movimento de cima para baixo, e a participação é apresentada como uma concessão de uma plenitude do ministério que vem do padre.

A presidência não está acima do povo de Deus nem fora dele, mas no povo de Deus e a seu serviço.

A urgente conversão envolve o desafio de problematizar o próprio conceito de chamado ao presbiterado como parte de uma nova compreensão geral do conceito de vocação. Bastaria considerar que ainda hoje, na liturgia da ordenação, faz-se referência explícita a uma eleição e a um apelo da comunidade, e não está prevista, de forma alguma, uma espécie de “autopropositura” do candidato.

Uma linguagem inspirada nas leituras e na contemporaneidade

A partir dessa consciência, deriva uma série de propostas que consideramos urgentes a fim de pôr em prática uma linguagem que seja expressão do mistério e que, ao mesmo tempo, seja capaz de chegar ao coração e à mente do povo de Deus.

Nas palavras dos sinóticos e de Paulo, a morte de Jesus é um gesto de oblação amorosa: ele deu a sua vida como dom de amor. Nos textos litúrgicos atuais, em vez disso, repete-se, de forma quase obsessiva, a terminologia “sacrificial”, a ponto de se acrescentarem às palavras sobre o pão: “oferecido em sacrifício por vós” [no Missal em italiano; em português, o presbítero diz: “que será entregue por vós”]. Palavras que, porém, não estão escritas no Evangelho, onde se diz apenas: “Isto é o meu corpo dado por vós”. Na fórmula da consagração que é usada na Itália, fazemos Jesus dizer algo que ele certamente nunca disse.

A ideia teológica do “sacrifício” está ausente dos textos de Mateus, Marcos, Lucas e 1 Coríntios.

Além disso, orações, prefácios e orações eucarísticas recorrem a uma linguagem hoje incompreensível para a maioria, ditada por uma teologia antiga e já superada. Pedimos que eles se inspirem nas leituras do dia e bebam da riqueza espiritual da Palavra de Deus. O tempo litúrgico não deveria ser uma alternativa à vida. Em vez disso, é preciso uma leitura sapiencial da contemporaneidade.

Na “nova edição” do Missal, na segunda **oração eucarística**, depois de recordar presbíteros e diáconos, teria sido importante acrescentar a menção ao povo de Deus, que aqui é completamente esquecido.

Recuperar o poder dos sinais

É preciso recuperar a beleza e o poder dos sinais, que são o alfabeto da liturgia, literalmente “obra do povo de Deus”: as velas de cera, que dão luz, aquecem e se consomem; um pão que seja pão de verdade: um pão inteiro, amassado e cozido em casa, partido e partilhado. E depois o vinho,

proveniente da mesa do povo de Deus: vinho que é memória da paixão e sinal de abundância, de festa. Perdemos completamente a dimensão de ceia da eucaristia: ela nasceu para ser uma memória quotidiana, doméstica, convivial, tornou-se gesto sacral, como em algumas formas de adoração eucarística. Pôr a mesa da ceia durante a celebração eucarística seria uma forma para nós nos reapropriarmos do seu significado secular e universal.

O canto também é um sinal de grande impacto, e nem sempre o valorizamos da melhor forma: as várias vozes que se unem em harmonia são a primeira forma de comunhão. O canto deveria ser um instrumento privilegiado para favorecer a participação ativa da assembleia celebrante, mas, muitas vezes, pelo contrário, a animação litúrgica não leva isso em consideração.

Em algumas dioceses, há músicos contemporâneos convidados a compor cantos em latim, incompreensíveis para a assembleia: como se o mistério da eucaristia tivesse a ver com o facto de não entender o que se está cantando ou escutando!

Não se entende o porquê do órgão ter de ser considerado um instrumento litúrgico por excelência: certamente é o menos bíblico e o menos evangélico, em comparação com os instrumentos de corda ou de soprano!

As nossas celebrações são dramaticamente estáticas: mortificamos a nossa corporeidade, por uma ideia implícita ainda maniqueísta segundo a qual é o espírito que entra na igreja, e o corpo pode ficar do lado de fora, ou pelo menos causar o menor incomodo possível. Olhamos para as liturgias de outras latitudes, na África ou na América ameríndia, com a nostalgia de quem perdeu a profunda conexão consigo mesmo: a dança litúrgica, mas também até uma gestualidade menos tímida poderia fazer com que as eucaristias voltassem a ser celebrações do dinamismo da vida. A projeção de imagens ou a utilização de linguagens diferentes da verbal também podem ser úteis.

A própria arquitetura das nossas igrejas, sempre frontal, com a rigidez dos bancos que impedem todo movimento, não é sinal de partilha, daquela circularidade que deveria caracterizar o encontro de cristãs e cristãos, que tornam Jesus presente entre eles, e que deveria ter a mesa ao centro, e não o altar. Com efeito, parece que nas celebrações eucarísticas se deseja dilatar a distância, a separação entre assembleia e presidente, ainda percebido como o “sacerdote” da era pré-cristã: muitos paramentos litúrgicos sumptuosos e altissonantes vão nessa mesma direção. [...]

A partilha do ambão e a hospitalidade eucarística

Sabe-se que as mudanças na Igreja, mas não só, sempre ocorrem porque alguém começa a dar o primeiro passo, a fazer um gesto, a sair das linhas do “sempre se fez assim”.

Sem querermos ser presunçosos, o adágio do Pe. Milani poderia ser reescrito assim: *a obediência nem sempre é uma virtude*. Onde por obediência entendemos a conservação e o apego às nossas tradições recíprocas, e não tanto a obediência ao mandamento de Jesus (“*Fazei isto em memória de mim*”), que, em vez disso, deveria ser uma referência estável.

Se hoje algumas discípulas e alguns discípulos de Cristo sentem o desejo ou, melhor, a necessidade urgente de se sentarem juntos à Ceia do Senhor, e não só acolher à própria mesa a outra e o outro que pertencem a uma confissão cristã diferente, pois bem, esse nos parece ser um daqueles sinais do Espírito fecundos de futuro que, acima de tudo, repropõe a fidelidade ao mandato de **Jesus**, que não excluiu ninguém da sua mesa, nem mesmo **Judas** – já pensamos que não há **eucaristia** se **Judas** estiver ausente? –, mas que também implica uma certa desobediência aos nossos costumes.

O desejo de **Cristo** é muito maior do que a diversidade que acumulamos ao longo do tempo e que hoje correm o risco de incrustar a beleza do dom recebido. Essa é uma urgência e uma necessidade que vem não só do facto de sermos discípulas e discípulos apaixonados pela unidade e desejosos de plena comunhão, mas que derivam do bom-senso de responsabilidade por aquilo que o mundo pede: paz (pão doado), justiça (pão partido) e cuidado da casa comum (pão como fruto do trabalho que respeita o ambiente).

Possíveis passos na eucaristia de hoje

Acolhimento – Nas portas da igreja, haja um acolhimento pessoal por parte do presidente ou de uma ministra ou ministro do acolhimento. Antes do início, dê-se uma breve informação sobre o período do ano litúrgico, sobre as leituras, sobre os cantos. [...] Nas assembleias menos numerosas, poderia ser significativo partir da vida, da vivência pessoal e comunitária, compartilhando as alegrias e as dores da semana.

Homilia – O monopólio clerical da homilia é a questão principal: é bem pouco preparada, prolixa, genérica, moralista, sem possibilidade de intervenção por parte da assembleia celebrante (o Papa Francisco, que disse o melhor sobre a homilia na *Evangelii gaudium*, nn. 145-179, sugere que ela deve ter “não mais do que dez minutos”); não raro é “pedante”, fora do tempo e do espaço...

É razoável que a pregação seja preparada durante a semana por um grupo de paroquianas e paroquianos que queira refletir sobre o Evangelho, do qual o padre depois seja o porta-voz (dando, obviamente, sua contribuição) durante a homilia. Em algumas paróquias, a homilia do padre já é seguida de outras breves intervenções programadas de leigas e leigos; seria bom que isso se tornasse uma prática generalizada. [...]

Invocações penitenciais – Era preferível adiar o pedido de perdão para depois da escuta das Escrituras, de modo que a assembleia tome consciência da distância pessoal e social em relação à Palavra de Deus.

Oração universal dos fiéis – Não se utilizem preces lidas nos folhetos da missa, idênticas para todas as dioceses. Evite-se dar indicações a Deus. Expressem-se sentimentos e desejos que tenham relação com o momento e o lugar em que as orações são explicitadas, de um ponto de vista local e global: pessoas, atividades, alegrias e sofrimentos da paróquia, da cidade, do mundo. As orações poderiam ser espontâneas e/ou preparadas durante a semana por um grupo de paroquianas e paroquianos. Poderiam ser recolhidas para o domingo seguinte em um livro presente na igreja durante a semana, no qual qualquer pessoa possa escrever.

Credo – O Credo usual niceno-constantinopolitano pode ser substituído por outros “Credos” (existem alguns muito bonitos). O Credo previsto e lido a uma só voz reflete agora os conteúdos de disputas teológicas dos primeiros séculos e não transmite o relato vivo hoje da “boa notícia” de Jesus.

Ofertório – Além do pão e do vinho, sejam depositados ao pé do altar objetos que expressem uma mensagem, um sentimento, um propósito (poesias e orações recolhidas durante a semana, flores, cartazes, alimentos, além da habitual coleta de dinheiro que deveria ser feita na primeira parte da missa).

Abraço da paz – Que não seja silencioso. Cada um devia habituar-se a dizer “a paz esteja contigo” ou uma expressão equivalente. Depois do “jejum de contactos” imposto pela pandemia, é uma alegria poder trocar um aperto de mão ou, melhor ainda, um abraço e um beijo de paz.

Comunhão – Seja distribuída sob as duas espécies, pelo menos várias vezes ao ano. Que o “sabor” da partícula seja de pão, e não de nada, como agora: seria importante preparar o pão em casa e parti-lo durante a consagração, para que cada uma e cada um receba um pedaço, parte do todo.

Depois da comunhão – Seria desejável que a assembleia expressasse em conjunto uma oração cujo texto se inspire na Palavra ouvida.

Anúncios finais – Que sejam a várias vozes, não apenas a do presidente, e não digam respeito apenas às atividades da paróquia, mas também às da sociedade civil que participa da paróquia. Que seja uma oportunidade para informar periodicamente sobre o orçamento da paróquia.

Despedida e bênção – Que o presidente relance o conteúdo do Evangelho como mandato para a vida da semana. É importante que o presidente se sinta parte da assembleia e diga que a bênção desça sobre “nós”, e não sobre “vós”.